

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE ARTES E LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS A DISTÂNCIA

LITERATURA RIO-GRANDENSE

8º Semestre



Ministério da
Educação



Presidente da República Federativa do Brasil

Dilma Vana Rousseff

Ministério da Educação

Ministro do Estado da Educação Fernando Haddad

Universidade Federal de Santa Maria

<i>Reitor</i>	Felipe Martins Müller
<i>Vice-Reitor</i>	Dalvan José Reinert
<i>Chefe de Gabinete do Reitor</i>	Maria Alcione Munhoz
<i>Pró-Reitor de Administração</i>	André Luis Kieling Ries
<i>Pró-Reitor de Assuntos Estudantis</i>	José Francisco Silva Dias
<i>Pró-Reitor de Extensão</i>	João Rodolpho Amaral Flôres
<i>Pró-Reitor de Graduação</i>	Orlando Fonseca
<i>Pró-Reitor de Planejamento</i>	Charles Jacques Prade
<i>Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa</i>	Helio Leães Hey
<i>Pró-Reitor de Recursos Humanos</i>	Vania de Fátima Barros Estivalet
<i>Diretor do CPD</i>	Fernando Bordin da Rocha
<i>Diretor da Editora UFSM</i>	Honório Rosa Nascimento

Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE

<i>Coordenador NTE</i>	Fábio da Purificação de Bastos
<i>Coordenador UAB</i>	Andre Zanki Cordenonsi
<i>Coordenador de Polos</i>	Roberto Cassol

Centro de Artes e Letras

<i>Diretor do Centro de Artes e Letras</i>	Pedro Brum Santos
<i>Coordenadora do Curso de Graduação Letras/Português</i>	Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

Elaboração do Conteúdo

Professor pesquisador/conteudista Andrea Reginatto

Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação - ETIC

Coordenadora da Equipe Multidisciplinar Elena Maria Mallmann

Recursos Educacionais

<i>Coordenadora/Professora-pesquisadora UAB</i>	Elena Maria Mallmann
<i>Professoras-pesquisadoras UAB integrantes</i>	Cláudia Smaniotto Barin
	Daniele da Rocha Schneider
	Rosiclei Aparecida Cavichioli Lauermann

Técnicos em Assuntos Educacionais Alcir Luciany Lopes Martins
Francisco Mateus Conceição
Técnico em Programação Gráfica Marcelo Kunde
Web Designer Marcos Andre Storck
Estagiária de Graduação Juliana Sales Jacques

Atividades de Estudo

Coordenadora/Professora-pesquisadora UAB Ilse Abegg
Professores-pesquisadores UAB integrantes Taís Fim Alberti
Edgardo Gustavo Fernández
Técnicos em Assuntos Educacionais Débora Marshall
Fernanda de Camargo Machado
Giséli Duarte Bastos
Estagiária de Graduação Simoni Lago

Ambiente Virtual de Ensino-Aprendizagem

Coordenadora/Professora-pesquisadora UAB Giliane Bernardi
Professor-pesquisador UAB integrante Marcos Luis Cassal
Técnica em Assuntos Educacionais Valquíria de Moraes Pereira
Analista de Tecnologia da Informação Adriano Pereira
Técnico em Informática Rodrigo Exterckötter Tjäder
Estagiários de Graduação Greyce Arrua Storgatto
Gilberto Fortunato Russi

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

ARTE E VIDA

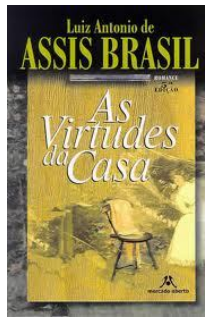
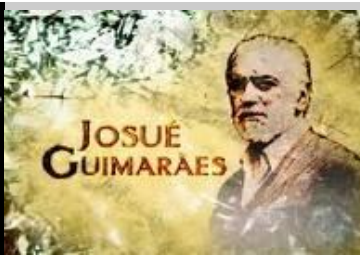
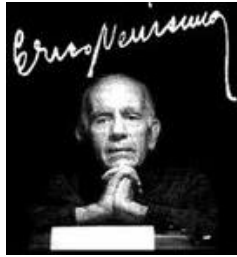
*Como o romance, embora não imite a vida e sim a reflita transfiguradamente, quase não há livro de ficção só com personagens bons e generosos. Na literatura de ficção, geralmente transparece a face oculta das pessoas, comuns ou diferenciadas, com as quais nos cruzamos ou convivemos no decurso da existência. Ao homem interessa sempre o homem. Quando apanhamos um livro para ler, é sempre com a intenção de descobrir meandros da alma alheia, para não confessar que, na verdade, estamos interessados é em nós mesmos. Cyro Martins. **Para início de conversa, 1990.***

A disciplina Literatura Sul-rio-grandense tem como objetivos estudar a produção literária desenvolvida no Rio Grande do Sul, desde suas origens até os dias atuais. Desse modo, buscamos por meio de estudos teóricos e de análise de obras de ficção (em verso e prosa) fomentar reflexões que traduzem um pouco da história do povo gaúcho pelo viés do discurso literário.

Nesse sentido, a UNIDADE 1 aborda a figura do gaúcho e a literatura, cujo enfoque se dá a partir de três eixos, sendo eles: *o gaúcho na sociedade sulina; o reconhecimento da literatura e uma proposta metodológica*. Nesta unidade, pretendemos abordar um panorama da literatura gaúcha, a partir do levantamento do contexto histórico e social, bem como resgatar algumas produções que são significativas para a formação do estatuto dessa literatura.

O regional e o regionalismo compõem, juntamente com os tópicos romance e crítica social, a UNIDADE 2. Aqui, a opção é por um trabalho reflexivo, que aponta para questões muito debatidas no cenário das letras. Assim, por meio de estudos de críticos literários, propomos uma discussão acerca dos conceitos de regional, regionalismo e localismo, bem como suas relações com a literatura.

Por fim, a UNIDADE 3 apresenta uma proposta de análise de obras em verso e prosa. Salientamos que este é o momento de estabelecer relações e de discutir a estrutura e a temática das obras indicadas, no plano da prosa. No âmbito da poesia, buscaremos, de modo semelhante, promover discussões que sejam relevantes para a lírica gauchesca, a qual não é restrita à temática “gaudéria”, apresentando temáticas variadas.



UNIDADE I - O gaúcho e a literatura

Nesta unidade, trataremos de desenvolver as questões norteadoras de nosso objeto de estudo. Abordaremos as questões iniciais acerca da figura do gaúcho e sua representação na literatura de ficção. Lembre: as discussões sobre o conteúdo deverão ser realizadas através do *Fórum de Dúvida*.

O HOMEM GAÚCHO E SUA REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA: um perfil modificado pelo destino

1.1 O gaúcho e a sociedade sulina

Ao falar em literatura sul-rio-grandense deve-se pensar, também, na História do pampa. Tal relação é necessária para se compreender as denominações utilizadas para caracterizar o tipo masculino sul-rio-grandense: aquele que, entre outras coisas, é o representante de uma categoria de homens viris e rudes, de personalidades fortes, sempre dispostos a enfrentar batalhas - ainda que sem causa definida. Para essa figura, qualquer forma de luta é importante e decisiva para sua auto-afirmação.

Assim,

O que se pode dizer é que o gaúcho, enquanto tipo social, surgira e se consolidara nestes horizontes sem-fim da paisagem, nos campos sem fronteira, cuja propriedade frouxa e pouco utilizada permitia a longa cavalgada em linha reta, tal como o faz o Capitão Rodrigo logo depois do nascimento de seu primeiro filho, ou como relembra o velho Blau Nunes. Esse gaúcho andejo, pobre porque sem qualquer propriedade, leal e valoroso, quando muito possuía e defendia, como seu, o cavalo, os aperos, suas roupas e armas. Dormia ao relento, trabalhava quando lhe dava gana, negava-se ao comando de qualquer um em quem não reconhecesse de livre e espontânea vontade, coragem e valentia superiores ou ao menos semelhantes as suas. Gostava de jogo, não levava desaforo de ninguém e seu código de honra incluía a vingança.¹

A literatura sulina, desde os tempos mais remotos, sofreu influência direta da História do Rio Grande do Sul, que é marcada por uma série de conflitos gestores de tensões e lutas. Nunca é demais repetir que o Rio Grande do Sul foi uma das últimas regiões do mundo a ser povoada pelo europeu colonizador. De fato, sua história oficial começa apenas em 1737, quando o

¹ HOHLFELDT, Antônio. *Literatura e vida social*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996. p.23-24. Todas as citações serão retiradas desta edição.

Brigadeiro José da Silva Pais funda o forte (Presídio) de Jesus-Maria-José, na embocadura da Lagoa dos Patos. Nessa época, o atual Estado do Rio Grande do Sul era chamado de “terra de ninguém”, pois nem Espanha nem Portugal sabiam onde começavam — ou terminavam — seus territórios. Tal imprecisão de fronteiras foi responsável por um sem-número de disputas territoriais, normalmente sangrentas, e sujeitas — mas nem sempre — aos acordos e desacordos entre as duas potências ibéricas. O Tratado de Madri, de 1750, por exemplo, foi uma nascente de embates bélicos, em especial aqueles travados contra os guaranis, que não desejavam ceder suas missões para os portugueses. Constante era a guerra, e apenas em brevíssimos períodos instalou-se a paz — assim mesmo uma paz provisória, com a ameaça constante de novas guerras.

Mais tarde, já no Brasil independente, as relações da Província com o Império marcaram, no século XIX, uma série de controvérsias de natureza política e econômica. Dentre os conflitos visíveis decorrentes, destaca-se a Revolução Farroupilha (1835-1845), que modificou várias instâncias da sociedade gaúcha, e principalmente a vida do homem do campo. Na madrugada de 20 de setembro de 1835, os rebeldes farroupilhas atravessaram a ponte da Azenha, depuseram o Presidente da Província e deram início a uma das mais longas e dolorosas guerras civis do mundo.

Entre a invasão de Porto Alegre e o acordo de paz, em 1845, transcorreram dez anos de lutas, mortes e banditismos de ambos os lados em conflito. Seria razoável prever que a Revolução entraria para as páginas dos romances e para os livros de poesia, como de fato entrou. Ainda é preciso citar a Revolução Federalista de 1893, esta, sim, marcada por fatos vergonhosos e arrepiantes, como a degola generalizada e as carnificinas que até hoje são lembradas com espanto pela memória coletiva.

O Estado, assim, foi um campo de lides não apenas pastoris, mas também guerreiras. Saint Hilaire² teceu algumas observações sobre o espírito militar encontrado nos gaúchos:

Quando um dos Estados europeus entra em guerra, todas as províncias fornecem soldados e, por conseguinte, se a nação se torna belicosa, o é em sua totalidade. No Brasil, tal não acontece. A fronteira meridional deste País há muito tempo não goza senão

²

SAINT HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1935. p. 74.

de curtos intervalos de paz, mas salvo algumas tropas vindas de São Paulo e Santa Catarina, todos os soldados que combateram a Espanha são naturais da Capitania. Nenhum recrutamento foi feito nas províncias mediterrâneas e setentrionais. Disso resulta que enquanto os habitantes desta capitania se tornam completamente militarizados, os povos das outras províncias caem pouco a pouco na inércia.

Os habitantes da Província tornam-se militares tanto coagidos pela instabilidade política da região, como pela necessidade de defender seu território. Os homens da estância — do fazendeiro ao peão — passam a fazer parte dos corpos de milícia obrigatórios. Lutando pela sua terra sempre que solicitados, acabavam retornando no fim da luta, mas em posições nítidas: o fazendeiro como comandante, e o peão como soldado.

O Rio Grande do Sul conheceu seu primeiro *herói*³, Bento Gonçalves, durante a Revolução Farroupilha. Com o destino da Província nas mãos, sentiu-se capaz de mudar o mundo. Atilado, com espírito guerreiro e grande poder de iniciativa, sentia prazer também nas lides campeiras. Representa, em função de sua liderança, força e bravura, o modelo de grande parte dos gaúchos que aqui viviam.

O surto de progresso pelo qual passou o Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX leva ao refinamento dos hábitos culturais. Em 1858, a sociedade da Capital comparece à inauguração do Teatro São Pedro, o qual passaria a ornamentar uma vida artística com óperas — especialmente italianas —, declamações e obras dramatúrgicas. Já bem antes, Pelotas abria as portas do Teatro Sete de Abril, impelida pela extraordinária fortuna dos charqueadores. Os saraus literários, um dos modismos da vida parisiense que o Rio de Janeiro copia com propriedade, passam a integrar também o cotidiano de Porto Alegre. Dentro desse contexto, nasce, no ano de 1868, a Sociedade Partenon Literário⁴. Embora sem sede fixa, a sociedade durou até 1885,

³ LEITE, Lúcia Chiappini Moraes. *Regionalismo e modernismo*. São Paulo: Ática, 1978. p.38-73. Todas as citações serão retiradas desta edição. O herói é visto como um homem possuidor de características físicas e morais boas. Geralmente é um homem valente, viril, honrado, leal e bondoso, que luta sempre para atingir seus objetivos. (p. 72).

⁴ Fundado por meia centena de pessoas, com a finalidade de cultivar as belezas das letras, o Partenon Literário acabou por adquirir características especiais. Era uma sociedade essencialmente democrática: bastava apreciar manifestações culturais para ser admitido. Arrecadou fundos para a alforria de mais de 50 escravos, criou cursos noturnos de alfabetização, fundou uma biblioteca que chegou a ter 6 mil volumes e abriu suas portas à participação feminina. Apesar de estar engajada em vários segmentos da sociedade, o forte da agremiação eram mesmo as letras e as artes. A sociedade instituiu a pesquisa bibliográfica, encenou peças teatrais e iniciou o registro de lendas e tradições rio-grandenses. Sua realização mais concreta foi a *Revista do Partenon Literário*, que circulou durante dez anos, de 1869 a

desempenhando papel importante ao estimular a produção literária e intelectual da Província. Novos autores eram lançados e outros consolidavam seus nomes perante o público. As publicações periódicas do Partenon, circulando idéias, estampavam poemas, ensaios, folhetins, contos, dramas e fragmentos de obras narrativas.

1879. Todos os intelectuais gaúchos colaboraram em suas páginas, entre eles, Apolinário, Aquiles e Apeles Porto Alegre, Múcio Teixeira, Caldre e Fião, Gustavo de Castro, entre outros. O Partenon Literário elevou o nível cultural, defendendo os direitos da mulher e o fim da escravidão.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO
EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS A DISTÂNCIA**



LITERATURA SUL RIO-GRANDENSE

O HOMEM GAÚCHO E SUA REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA

ANELISE KEHL

SANTA MARIA, RS

2011

Ao final deste primeiro tópico, elabore uma síntese, em forma de texto, com suas palavras, enfocando as ideias principais discutidas no tópico.

Literatura sul-rio-grandense

Falar da Literatura do Rio Grande do Sul é referir-se à história deste Estado, principalmente aos modelos representados no que chamamos de Literatura sul-rio-grandense.

A Literatura sul-rio-grandense refere-se a fatos históricos, bem como representa questões relativas à identidade do povo gaúcho. Temos que compreender que as obras literárias gauchescas assinalam bem os aspectos que buscam representar um determinado sujeito gaúcho (o dos pampas), mas que nem toda a Literatura do Rio Grande do Sul se utiliza desses modelos para construir o seu mundo representacional.

De acordo com as narrativas que retratam um pouco das guerras que ocorreram no Rio Grande do Sul, muitos dos sujeitos que participaram destas histórias são reais, vivenciaram este momento histórico na vida real, mas as personagens decorrentes dos episódios narrativos foram recriadas e inventadas ficcionalmente através da literatura, aproximando-se da história deste Estado. A Revolução Farroupilha serviu de inspiração para muitas obras literárias, sendo que, destes conflitos, foi construída a imagem do personagem principal, caracterizando assim, a imagem do gaúcho.

A Literatura da qual estamos tratando reavivou a história do nosso Estado através de narrativas incríveis, que refletem a cultura e a bravura da sociedade gaúcha, acrescentando de detalhes àquilo que não seria possível de ser registrado na história oficial, uma que esta perderia o comprometimento que mantém com a verdade. Assim, temos que ter em mente que a construção da identidade do homem gaúcho e da sua cultura pode ter sido edificada não somente pelos dados oficiais que temos preservados pela nossa história, mas também pelas histórias recriadas pelos autores em suas obras literárias sul-rio-grandenses.

Através da arte literária dispomos de informações sobre as emoções, identidades e ações em um determinado tempo e espaço das personagens envolvidas na história. Na Literatura sul-rio-grandense, a arte parece convencer o leitor pelo detalhamento, bem como pela verossimilhança que confunde, muitas vezes, a história real com o mundo ficcional, pois por esta tratar da história do nosso povo, é muito fácil tomarmos as obras literárias como verdadeiras.

Aquilo que faz parte do imaginário gaúcho como sendo próprio da sensibilidade, dos valores, das características tanto das personagens gauchescas como do homem gaúcho deve-se muito aos detalhes das histórias literárias sul-rio-grandenses. A imagem construída a partir dos modos e das atitudes dos gaúchos da época, somente a Literatura é capaz de fornecer e não documentos e dados concretos. O importante é que a literatura se ocupa desse imaginário que construímos culturalmente da imagem do gaúcho para criar o “engano”, a ideia de que o que estamos lendo é possível de ser encontrado no mundo real.

Como sabemos, a Literatura não tem compromisso com o real. Os escritores criam, a partir de fatos, uma história em que os personagens fictícios confundem o nosso imaginário como se criassem vida nas histórias narradas. Suas histórias, ao serem lidas, parecem reais, possuem em seu conteúdo traços marcantes e verdadeiros perante nossos olhos. É a verossimilhança. A imagem do gaúcho que temos em nossa mente auxilia a nossa imaginação a se apropriar da história e tirar dela todas as informações, acreditando que estas possuem caráter verdadeiro.

A partir disso, é possível que muito das imagens que temos do sujeito gaúcho deve-se às obras convincentes, que construíram as personagens como se estas fossem pessoas reais, cuja história poderia ter sido vivida por um gaúcho de carne e osso.

1.2 Reconhecimento da literatura - A ficção: as obras que retratam o perfil do herói sulino

Nas produções literárias, a primeira imagem do homem do campo é um *tipo* idealizado. Alguns nomes do Partenon Literário evocam esse tipo e, entre eles, pode-se citar Apolinário Porto Alegre e Caldre e Fião. As obras *O corsário*, de Caldre e Fião, e *O vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre, exaltam o chamado *monarca das coxilhas*, através de uma personagem que se torna o eixo centralizador dos enredos, por possuir as características do *herói* rio-grandense. Os romances então representam os diferentes aspectos históricos, os costumes e os hábitos de uma comunidade ufanista de sua realidade regional.

Em 1867, o português Augusto Cesar de Lacerda, no Recife, publicou o drama intitulado *O monarca das coxilhas*,¹ em que focaliza o homem e a vida de uma região que lhe despertara tanto interesse – o Rio Grande do Sul. Essa obra foi o primeiro texto teatral a explorar os teres e haveres da região sulina, com a representação do campeiro rio-grandense; de seus hábitos culturais e, principalmente, da constante luta contra os vizinhos castelhanos.

A força – marca do homem sulino – é muito bem expressada no segundo ato, cena VI, onde Silvina se dirige a Jabutá:

Silvina, radiante de alegria e pondo-lhe a mão no ombro:
Coragem, Sr. monarca das coxilhas! Não vá-me agora
desmaiar como qualquer moça melindrosa!²

Maria Eunice Moreira³, em seu estudo sobre o regionalismo⁴ na literatura sul-rio-grandense, ressalta que, antes da criação da Sociedade do

¹ LACERDA, César. *O monarca das coxilhas*, Porto Alegre: IEL,1991. O trabalho de fixação e atualização do texto dessa edição foi coordenado pela professora Maria Eunice Moreira do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. O texto original foi publicado com o título *O monarca das coxilhas* - drama em tr-es atos, pela Tipografia do Jornal do Recife, em 1867.

² Ibidem. p.83.

³ Op. Cit. nota 2. p. 23.

⁴ É importante salientar que o termo regionalismo será empregado, neste estudo, de acordo com os preceitos estabelecidos pela teórica Lígia C. Moraes Leite, que assim o entende: os textos de cunho regionalista evocam o homem do campo em suas atividades de trabalho, recreio, guerras e em seus amores. Esses textos falam claramente das paisagens campeiras, de taperas, de árvores, de animais, de carreteiros, etc., têm como tema comum, como intenção comum subjacente, a valorização do gaúcho-herói, em duas modalidades básicas que são, na verdade, muito semelhantes, uma apontando para a transformação do Rio Grande moderno, em que o herói agoniza, prestes a desaparecer, outra enfatizando a persistência do herói, apesar das transformações tidas. Basicamente, o texto regionalista

Partenon Literário, não havia vida literária ordenada, mas sim manifestações esparsas; a autora analisa contos e romances do período que vai de 1872 até 1922. O ponto de partida é o ano de publicação de *O vaqueano* de Apolinário Porto Alegre, considerado pela crítica como o precursor do regionalismo sulino. A partir dessa obra, a autora menciona em seu *corpus* Alcides Maya, Simões Lopes Neto, Roque Callage, entre outros nomes. No ano de 1922, que encerra o estudo, há também a publicação de *Alma Bárbara*, de Alcides Maya.

De acordo com Maria Eunice Moreira,

O regionalismo sul-rio-grandense não foge à regra do que foi apontado como o típico do regionalismo. Privilegia-se o homem no seu contato com o meio, há maior preocupação com o pitoresco do que com o aprofundamento psicológico, características anteriormente apontadas pelos estudiosos.⁵

Na mesma linha, Lucia Miguel-Pereira⁶ afirma: “o regionalista sobrepõe, destarte, o particular ao universal, o local ao humano, o pitoresco ao psicológico”; observa, ainda que, no caso do Rio Grande do Sul, existe uma condição própria para o regionalismo, que vem a ser a Campanha. Na grande maioria das obras, a ação ocorre na paisagem do campo, onde os animais dividem espaço com o homem - isso será possível perceber através da recuperação de algumas obras marcantes da literatura gaúcha.

Os autores e obras citados no presente estudo constituem exemplos, dentre os muitos da literatura sul-rio-grandense, que expressam as personagens masculinas de acordo com um padrão estabelecido pelo seu modo de vida e pelas suas características físicas e morais. Lígia C. Moraes Leite⁷ ressalta que:

o mito do gaúcho-herói tinha, como referente, o homem do campo, da zona de pecuária - expressão ideológica da classe dominante que detinha o poder antes de 1850. Desse modo, os textos que retratam o homem típico remetem para o homem da campanha, aquele ligado às atividades campeiras, cujo atributo básico é o telurismo.

pretende exaltar um tipo humano considerado ideal – o gaúcho-herói – e confrontá-lo com o seu contrário – o gaúcho da cidade (p 36).

⁵ Ibidem. p.35.

⁶ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. p.180.

⁷ Op. cit. nota 4. p. 34.

O corsário (1979), de Caldre e Fião, é uma obra de cunho regionalista que narra um episódio situado na linha do fabuloso e do fantástico, misturando história, geografia, mito, herói e anti-herói. A narrativa desenrola-se numa quase floresta de personagens que se movimentam no tabuleiro geográfico do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XIX.

Tudo começa com o encontro de Vanzini, um misterioso corsário veneziano, meio Garibaldi, meio calhorda, um naufrago italiano que deixou sua pátria perseguido pelas autoridades por ter desonrado a filha de um nobre. Após ser salvo por uma família de pescadores na barra do Rio Tramandaí, passa a infernizar toda a região e chega a raptar a própria moça que lhe salvou a vida no naufrágio. Em pouco tempo, começa a ser caçado pela população de pescadores de todo o litoral gaúcho e pelas autoridades locais, pois trai a causa farroupilha. A bela moça Maria percebe, com o passar do tempo, que sua paixão por Vanzini não merece ser levada adiante, e acaba encontrando um novo amor: o vaqueano João Martinho, um homem bom, forte símbolo do gaúcho. Percebe-se, na trama de *O corsário*, que o bem vence o mal e, nesse sentido, há o confronto, ainda que interno, do gaúcho-herói, representado pela figura da personagem João Martinho, com o forasteiro Vanzini, uma espécie de anti-herói⁸.

Outra obra que reforça o paradigma do gaúcho-herói é *O vaqueano* (1973), de Apolinário Porto Alegre. Na mesma linha de Caldre e Fião, o autor põe em relevo a figura orfêica do gaúcho valente, peleador, sábio dos pampas. O herói aparece com o prestígio de um homem em ascensão, e Bento Gonçalves é o modelo. Toda a temática da obra gira em torno da exaltação do monarca das coxilhas. O herói é envolto numa atmosfera de liberdade em campo aberto, onde a valentia, a honra, a religião e o amor são bens supremos do espírito e do coração.

Moreira⁹ afirma que a narrativa de Apolinário Porto Alegre não apresenta o típico gaúcho, mas sim um vaqueano de personalidade forte, cujas marcas

⁸ Para Lúcia C. Moraes Leite o anti-herói é um representante que apresenta características físicas e morais consideradas negativas, como, por exemplo, a covardia, a falta de honra, a ambição, a maldade e a dissimulação. É aquele que entra em confronto direto com o herói.

⁹ Op. cit. nota 2. p. 94 a 96.

físicas e morais, mais tarde, seriam incorporadas pelo herói da ficção sulina. Em suma, a autora propõe que o tipo delineado por Apolinário compõe-se dos atributos básicos que iriam definir o herói da ficção regionalista.

Como um romance de fundo histórico, ainda que não regionalista, de acordo com as palavras de Moreira, observa-se que a ação se passa no período da Revolução Farroupilha, o que é percebido pela presença de figuras marcantes da história gaúcha, como Garibaldi, Canabarro, Bento Manuel e Bento Gonçalves.

A obra narra um caso de vingança no qual José de Avençal, filho de Gil de Avençal, cresce com a preocupação de vingar a morte da mãe e dos irmãos. Estes teriam sido mortos por José Capinchos, amigo de seu pai. Em meio ao desejo de vingança, José de Avençal conhece Rosita, por quem se apaixona sem saber que, ironicamente, a moça é filha de seu maior inimigo. Certa noite, ao procurar o assassino de sua mãe e irmãos, José de Avençal é precedido pelos índios que fazem o serviço por conta própria. Acreditando ter vingado a morte de seus familiares, José de Avençal incorpora-se como vaqueano à turma de Canabarro, e passa, então, a ser perseguido por André, irmão de Rosita. Certo dia, esta o procura no acampamento e, surpreendida pelo irmão, mata-se. André e José lutam, e o vaqueano José acaba vencendo. Sem se conformar com a derrota, André, para se vingar, manda a cabeça da irmã ao seu inimigo. Em meio ao desespero, José oferece-se para trabalhar em uma missão na Revolução Farroupilha, onde acaba morrendo.

José de Avençal é forte, taciturno, audacioso, sempre disposto a enfrentar situações difíceis; Rosita, por sua vez, é representante do sensível, vítima inocente de um amor incontável. Na representação do anti-herói, têm-se duas figuras: o assassino José Capinchos e seu filho André Capinchos. Ambos simbolizam a maldade existente no cenário do pampa sulino, na época da Revolução.

A cor local é muito expressiva nos romances de cunho regionalista em que a valorização do espaço assume um papel determinante. Os estancieiros e os peões representam a vida no Rio Grande, através de suas atitudes morais e

sociais, sempre pautadas pelo bom senso, pelo desejo de lutar, pela força e determinação. Regina Zilberman¹⁰ afirma que

por estas razões o gaúcho é um indivíduo inserido numa ordem social que defende, ao incorporar suas idéias e lutar por elas até a morte. Ao mesmo tempo, integra-se a uma ordem natural, já que revela afinidades com o espaço – o pampa, a Campanha – e que são os animais, sobretudo o cavalo, seus maiores companheiros.

Em cada uma das obras mencionadas neste estudo, encontra-se a presença das lides campeiras, que também apontam para outra característica de igual valor, referente à figura do homem do campo: a relação amistosa entre o gaúcho e o seu animal-amigo, o cavalo. No código de todo grande herói, não pode faltar o animal, tanto que, em muitas obras, aparecem personagens montadas em cavalos fortes e belos, que refletem a valentia do homem.

De modo geral, a maior parte dos textos citados enquadram-se no parâmetro elaborado por Leite¹¹ que afirma:

O herói-telúrico é forte e valente, porque a terra lhe dá vida suficiente para isso. E com a pujança vital, a pujança sexual. O machismo é, em grande parte, símbolo dessa ligação e, como tal, está tingido de todos os atributos decorrentes do telurismo. A ligação é tão estreita que quem não é valente não é considerado homem e quem é homem tem que, necessariamente, mostrar valentia em todas as ocasiões.

Ainda, de acordo com os textos mencionados, entende-se que as personagens construídas pelos autores citados podem ser chamadas de tipos, à medida que representam personagens inseridas dentro do paradigma do herói e do anti-herói. Em síntese, pode-se afirmar que o homem sulino, tanto da história como da ficção, é um indivíduo marcado pela presença de atributos que lhe conferem força e valentia, traçando, desse modo, o perfil áspero e rude que caracteriza sua vida.

Para ilustrar a temática e o perfil de personagem que emergem na ficção regional, será citado, além dos autores já mencionados, Simões Lopes Neto¹²,

¹⁰ *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992 p.50.

¹¹ Op. cit. nota 1. p.67.

¹² LOPES NETO, Simões João. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1950.

em sua obra *Contos gauchescos* (1957), na qual a personagem Blau Nunes é definida pelos atributos de força e valentia, expressando, assim, espírito aventureiro e a íntima ligação com a terra. Vivendo no meio do universo gauchesco, Simões Lopes Neto apresenta um estilo natural, que foge às construções regionais dos autores urbanos.

Contos gauchescos, sua criação mais importante, é composta de dezenove textos que deixam evidentes as qualidades de um narrador preocupado em descrever o mundo gaúcho através de uma linguagem marcada pela oralidade e pelas tipicidades regionais.

Para contar a história, o autor vale-se de uma estratégia singular, na qual cede lugar ao vaqueano Blau Nunes, que passará a relatar os fatos de que participou, ou presenciou, ou ainda apenas ouviu falar.

Incorporando a fala sulina, Blau traz autenticidade à obra e aproxima o leitor da paisagem local, enfatizando a importância do gaúcho – o monarca das coxilhas. Nesse procedimento, o homem do campo constrói uma personalidade marcada pela honestidade, pela honra e pela valentia. Na descrição da paisagem do Rio Grande, há constante referência à natureza, representada pelos campos que serviram de cenário para as aventuras do protótipo de uma era: o gaúcho que, com seu cavalo fez a história do pampa rio-grandense. Percebe-se perfeita integração entre o homem e a natureza, o que reitera a questão do apego às origens. Conforme diz Leite¹³:

O telurismo pode-se mostrar na íntima relação do homem com a natureza e seus segredos. O herói é um vaqueano. Conhece a região que habita como a palma de sua mão. A coxilha é sua casa. Tudo lhe é familiar e nenhum obstáculo natural é julgado intransponível.

Apesar de apresentar alguma neutralidade, em alguns contos, como em *Correr equada* - em que enfatiza a nostalgia - noutros, apresenta uma visão crítica da violência, como em *O anjo da vitória* e *No manantial*, ou, ainda, um certo moralismo religioso, como em *O menino do presépio*.

¹³ Op. cit. nota 1. p. 59.

É interessante observar a posição do narrador em relação à mulher, a qual é relegada ao segundo plano e vista como objeto de troca, de mercancia ou de aposta — e isso está no conto *Jogo do osso*.

Com os dados estudados até aqui, pode-se dizer que o Rio Grande do Sul foi uma região com características econômicas, políticas e culturais diferenciadas em relação ao restante do País. É o ambiente propício para o surgimento de um homem com caracteres próprios, ou seja, um homem afeito às rudes lides do campo, à guerra, à liberdade das coxilhas. É um homem formado pela agregação de várias raças, das quais assimilou diferentes hábitos, vocabulário e tradições, mas não perdeu o seu maior ideal de vida: a íntima ligação com a terra.

O estancieiro viveu numa situação democrática com seus peões, até o período em que os donos de terras e, como conseqüência, os seus empregados, perderam o espaço de trabalho e de vida, principalmente. Nesse sentido, reiteram-se as considerações sobre a vida do homem gaúcho na literatura, apontadas por Leite¹⁴

(...) a temática comum aos textos é uma forma de manifestação, no Regionalismo, da oposição “cidade-campo”, que tem suas raízes no Romantismo. Só que, nestes textos, ela marca não só uma posição espacial, mas sobretudo temporal. Isto é, a oposição “cidade-campo” encerra outra que é “passado-presente”, um tempo heróico, do homem livre e primitivo, o tempo do centauro; e um tempo degradante, do gaúcho civilizado, amolecido, num Rio Grande transformado. A visão otimista do gaúcho do presente, segundo a qual ele conserva suas características essenciais apesar das transformações, tende a generalizar os atributos do homem da zona pecuária a todo o rio-grandense, embora persista a idealização da vida rural.

Em meio às obras narrativas que apresentam o paradigma de homem gaúcho encontram-se algumas, poéticas, que situam de forma contundente a representação desse típico. Assim, com o objetivo de comemorar o centenário da Revolução Farroupilha, muitos escritores gaúchos expressaram suas idéias através de uma nova exaltação do típico homem do campo. Entre eles, podemos citar Zeferino Brasil, o príncipe dos poetas rio-grandenses. Em sua

¹⁴ Op. cit. nota 1. p.37.

obra *Alma gaúcha* (1976) faz ressurgir a evocação de um gaúcho gigante, envolto em mística e ufanismo. A criação de Zeferino Brasil tem marcas fortes de valentia, projetada, provavelmente, através da figura mítica de Bento Gonçalves. O centauro das coxilhas é assim representado na obra do autor¹⁵:

Alma altiva, alma estóica (...)
Titã, indômito, alma heróica (...)
Fibra viril (...)

Adora a liberdade, arrogante e modesto.

Com essa breve exposição, percebe-se que alguns escritores tomaram a figura do guasca¹⁶ e passaram a exaltá-la de forma idealizada, transferindo para o homem do campo as qualidades heróicas do homem primitivo. Vários nomes podem ser citados, tanto na prosa como na poesia, e entre estes, na poesia, aparecem Jayme Caetano Braun e Vargas Neto.

Jayme Caetano Braun, um homem interessado pela vida na campanha sulina, publicou obras em que a cor local é constante, principalmente na expressão do telurismo e pela exposição de elementos particulares da cultura do Sul, como por exemplo, o cavalo e a faca. Mas é na tematização de fatos da História que emergem as figuras dos heróis e anti-heróis, homens valentes e desvalidos da sorte, respectivamente. Vargas Neto aborda temas que fazem o leitor retornar para a vida do campo.

Sua poesia trabalha com as figuras que compõem este cenário, estamos falando do peão, das chinocas, das lendas e dos causos campeiros, tal como no passado, mas que aparecem por vezes transfigurados num viés irônico e eventualmente satírico.¹⁷

O gauchismo permaneceu, por muito tempo, presente na cultura rio-grandense; seja através de narrativa, seja através de poesia, sempre havia alguém querendo exaltar as qualidades de um povo heróico e guerrilheiro. A assertiva de Leite¹⁸ exemplifica esse papel atribuído ao homem do campo: “O

¹⁵ BRASIL, Zeferino. *Alma gaúcha* - Poemas Farroupilhas. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1976. p.11-4.

¹⁶ De acordo com Carlos Reverbel, na obra *O gaúcho* (Porto Alegre: L&PM, 1998), o termo guasca é utilizado para designar os campeiros rio-grandenses que não primavam pela finura e delicadeza.

¹⁷ *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*, verbete de autoria de Luiz Antonio de Assis Brasil. Porto Alegre: Novo Século, 1999. p.184.

¹⁸ Op. cit. nota 1. p.51.

herói é um suporte de atributos que definem o tipo ideal do gaúcho, de funções que apontam para as lutas heróicas, para uma vida de constante desafio”.

A idealização do gaúcho faz referência a um símbolo humano ideal detentor de bom caráter, boas características físicas, como a força e a valentia, além de exercer uma forte dominação sobre a terra. Pereira¹⁹ trabalha muito bem a questão do personagem tipo:

O regionalista entende o indivíduo apenas como síntese do meio a que pertence e, na medida em que se desintegra da humanidade; visando de preferência o grupo, busca nas personagens, não o que encerram de pessoal e relativamente livre, mas o que as liga ao seu ambiente, isolando-as assim, de todas as criaturas estranhas àquele.

Erico Verissimo é outro nome que deve ser lembrado, quando se aborda a questão do gaúcho-típico. Apesar de apresentar o homem do pampa com características concretas, em algumas personagens, é possível se observar a presença de outras que associam a figura do monarca das coxilhas com o vigor másculo do gaúcho. Em *O continente* (1998), primeiro volume da trilogia *O tempo e o vento*, através da figura do Capitão Rodrigo Cambará, tem-se uma espécie de síntese do gaúcho idealizado. Ele é macho, bravo, violento, mulherego, aventureiro e generoso. Representante de um sistema patriarcal, Rodrigo Cambará é o chefe da clã Terra/Cambará, é o Capitão, é o marido de Bibiana, é o monarca das coxilhas que abarca, com sua figura, todo o império dos pampas. É o símbolo aglutinador de todas as tendências do gaúcho, as boas e as más. Conota e denota a terra, a raça, os costumes e, sobretudo, a vida em campo aberto, sob o signo da liberdade²⁰.

A partir desses atributos, as personagens são classificadas como heróis e anti-heróis. Tomachevsky²¹ entende como herói “a personagem que recebe a tinta emocional mais viva. É a que mais chama atenção do leitor, provocando

¹⁹ Op. cit. nota 15. p.180.

²⁰ É interessante notar a persistência popular de algumas idéias. Em recente pesquisa levada a efeito pela Assembléia Legislativa em várias regiões do Rio Grande do Sul — publicada por Zero Hora em 16 de dezembro de 1999 (p. 6) — verifica-se que, num universo bastante amplo de sujeitos inquiridos, estes afirmaram que o homem rio-grandense é criativo (76%), inteligente (74,7%), descontraído (73,5%), brilhante (66,5%), agressivo, (35,4%), honesto (81,5%), corajoso (80,9%), sincero (67%), mulherego (62%), respeitoso (83%), bonito (84%). A auto-imagem do gaúcho, como se vê, mereceria um estudo à parte.

²¹TOMACHEVSKI, B. *Teoria da literatura e os formalistas russos*. p.195.

compaixão, simpatia e até sofrimento.” No caso da literatura sulina, a figura do herói está ligada à atividade campeira, enquanto os homens da cidade, ou até mesmo os estrangeiros, como se percebeu em *O corsário*, representam o paradigma do anti-herói, que se caracterizam pela antipatia, pelo mau caráter e, muitas vezes, pela maldade.

A relação com a terra é atributo básico do herói. Segundo Leite²²: “é daí que advêm todos os outros atributos, físicos e morais, como a virilidade e a valentia, bondade e franqueza”. Por outro lado, a autora afirma que “por estar afastado da terra, o anti-herói passa a ser enfraquecido tanto físico como moralmente, o que lhe causa impotência, covardia, falta de honra e maldade” - e isso se observa na obra *O vaqueano*, na figura de José Capinchos.

A presença do anti-herói também pode ser percebida em obras do século XX. Esses textos retratam a precária situação do homem do campo que, pelas transformações políticas e econômicas, é obrigado a deixar o seu espaço e migrar para as cidades em busca de melhores condições de vida.

De um modo ou de outro, como afirma Antônio Hohlfeldt²³, o gaúcho recebe denominações diversas que variam conforme o autor, mas que evocam sempre o homem forte:

Guasca, como é referido por Simões Lopes Neto, campeiro, na acepção de Apolinário Porto Alegre, embora a denominação de seu romance indique ainda outro vocábulo, *vaqueano*, o gaúcho será ainda nomeado como o *monarca das coxilhas*, ou *centauro dos pampas*, por sua identificação plena com o animal, assemelhando-se assim à entidade mitológica de corpo metade cavalo-metade humano.

Através da citação, percebe-se que a exaltação do homem forte e guerreiro foi cedendo lugar a outro tipo de homem surgido no pampa gaúcho com o desenvolvimento da industrialização. Embora esse tipo apareça, ainda, em algumas obras da literatura sulina, de uns tempos para cá, a tendência é não mais mitificar, mas sim mostrar a dura realidade da vida desses homens do campo. Dentre os nomes representativos dessa nova

²² Op. cit. nota 1. p.56.

²³ Op. cit. nota 6. p.20.

fase da literatura gaúcha deve-se inserir Cyro Martins, Alcides Maya e Ivan Pedro de Martins. Eles transformam, na literatura, a figura típica do gaúcho em um herói marginalizado, despojado de sua força e valentia; é um homem sem os atributos fundamentais verificados nas obras anteriores.

Cada um, a seu modo, traduz o sentimento de tristeza e agonia causados pelo processo de modernização pelo qual passou o Rio Grande do Sul. Alcides Maya, através da obra *Ruínas vivas* (1910), apresenta uma personagem gaúcha em fase de plena decadência. Chico Santos, o antigo monarca, está agora destronado. Além dessa personagem, João Amâncio integra a trama com toda a maldade pertinente a um anti-herói. A decadência social produz personagens desenraizadas, à medida que a estância, símbolo de força e poder, entra em processo de degradação. Em Alcides Maya, a fragmentação do universo social faz emergir novos tipos de personagens, que são isoladas e desenraizadas, ou seja, sem identidade. Assim, “(...) *a saída para esse gaúcho não vai além de um refugiar-se na memória e na falsa identidade do passado, um passado quase nunca real e concreto*”.²⁴

A evocação amarga dos heróis e anti-heróis Chico Santos e Miguelito é mais do que uma história do tipo “faz de conta”. É a expressão de uma realidade que excluiu o tipo do gaúcho-herói dos campos sulinos.

Nesse sentido, deve-se lembrar a obra de Cyro Martins — a **Trilogia do gaúcho a pé** — composta por *Sem rumo* (1985), *Porteira fechada* (1993) e *Estrada nova* (1992), em que o escritor criou um novo tipo representante do gaúcho. Em cada um desses livros, há histórias marcadas por diferenças que evocam a situação do homem do campo em uma época difícil, provocada pela industrialização. É o homem desterrado e afastado de seu espaço.

As narrativas mostram, além disso, através das personagens centrais, dentre elas João Guedes, Chiru e Teodoro, a desigualdade que provoca a mudança do paradigma do herói. Isso significa dizer que o gaúcho forte, o monarca do pampa, passa a assumir características do um homem fraco e marginalizado na cidade:

²⁴ HOHLFELDT, Antonio. *Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.243.

Aquele homem era João Guedes, que carregava uma ovelha atravessada na garupa. Sim, o João Guedes em pessoa, um gaúcho bom e direito, que foi domador, tropeiro, aramador, vizinho apreciado, plantador, que afrontou todos os riscos da vida campeira no tempo em que esta oferecia riscos, e que um dia se mudou para a cidade...²⁵

De acordo com Solange Medina Ketzer²⁶

ao transportar o sentido de estar a pé ao gaúcho, o ficcionista mexe com a construção simbólica mítica desse homem que pressupõe o cavalo como extensão de sua valentia, coragem, bravura, altivez; como elemento inerente a sua própria identidade.

Através das passagens, entende-se a trajetória percorrida pelo gaúcho em que o antigo herói se transforma em uma figura decadente, tanto na sua forma física, como moral e psicológica. À medida que está afastado de seus símbolos de força e valentia, passa a representar uma categoria de seres fracos e colocados à mercê da própria sorte.

Ivan Pedro de Martins é outro escritor que também trabalha com a nova realidade do homem do campo em sua **Trilogia da campanha**, composta por *Fronteira agreste* (1944), *Caminhos do sul* (1984) e *Casas acolheradas* (1986). Aqui há a presença de dois elementos distintos, mas de igual importância: de um lado, a questão da permanência da tradição gauchesca, através da afirmação e da valorização da figura do herói, do monarca; por outro há a possibilidade de mudanças no contexto social.

As reflexões trazidas até o momento permitem que façamos um levantamento das características da produção da literatura sul-rio-grandense. Nesse sentido, o texto **A Épica Riograndense**, escrito por Flávio Aguiar, contribui para que possamos discutir as questões relativas ao cenário das letras no Rio Grande do Sul.

Leia o texto com atenção!

²⁵ MARTINS, Cyro. *Porteira Fechada*. Porto Alegre: Movimento, 1993. p. 58.

²⁶ MARTINS, Maria Helena. (Org.). *Cyro Martins 90 anos*. Porto Alegre: CELP. Cyro Martins: IEL: CORAG, 1999. p.97.

Para finalizarmos a unidade, confira o PAINEL abaixo:

PAINEL LITERAURA RS

JOÃO SIMÕES LOPES NETO – *Contos Gauchescos*

Painel elaborado pela Prof^a. Andréa Reginatto

É o representante mais significativo do REGIONALISMO produzido no Rio Grande do Sul. Grande parte de sua obra revela os costumes, as tradições e os mitos do povo gaúcho. De profunda vinculação com a terra, a obra não ficou restrita a descrições superficiais do gaúcho, mas apresenta ao leitor a cultura do homem do pampa sob o prisma da universalidade. Descreve o gaúcho como HERÓI, MONARCA DAS COXILHAS. Sua obra desperta interesse pelos dialetismos, modismos populares e expressões típicas. Os contos são narrados por Blau Nunes, o campeiro. Um narrador anônimo introduz o velho gaúcho, apresentando-o ao leitor e desenhando o protagonista na sua tipicidade:

Genuíno tipo – o crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através da imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gaúcho. (FISCHER, 2000, p. 35)

Nos Contos Gauchescos não existe a classe política. Cada Estância é um mundo à parte, regido pela vontade soberana de seu proprietário:

Foi o tempo do manda-quem-pode!... E foi o tempo que o gaúcho, o seu cavalo e o seu facão, sozinhos, conquistaram e defenderam estes pagos. p.205

O espaço é aberto e ilimitado:

Estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem divisa; apenas os trilhos do gado cruzando-se entre aguadas

querências. p. 139

A nostalgia presente nos Contos converte o passado em um mito, porque perfeito, unitário e globalizante. Segundo Regina Zilberman, *sua consciência do presente dimensiona sua crítica e faz com que percorra o caminho inverso, dessacralizando o mito instituído e alertando a respeito do tipo de dominação exercida em sua época.*(ZILBERMAN, 1992, p. 57)

AMARO JUVENAL – RAMIRO BARCELLOS – Antônio Chimango

Político de grande experiência parlamentar, em *Antônio Chimango* (1915), mostra que conhecia bem os homens de seu tempo e suas circunstâncias. Foi prudente ao adotar o pseudônimo Amaro Juvenal, para não entrar em atrito com Borges de Medeiros, o dono da vida pública do RS durante 25 anos. O poema satírico *Antônio Chimango* apresenta um tipo histórico, mito e símbolo ao mesmo tempo. Como nas epopéias, realiza “feitos relevantes” para a pátria.

Na verdade Antônio Chimango conota Borges de Medeiros, o prepotente, o dono das pessoas e das circunstâncias. Ou, através do Chimango mito, encarnação das forças poderosas e maléficas.

O espaço onde Chimango manda é a Estância de São Pedro. Tio Laudério, o bardo, o cantador, conta as andanças da tropa pelos pampas. A tropa, de cabeça baixa, andando através das invernadas e das sangas, conduzida com mão de ferro, freio e rebenque, é espetáculo impressionante. No aparente espaço aberto, está o relho, o Chimango astuto, predador da fortuna e da honra, mandão. Nas palavras de Luiz Marobin, *a estância de São Pedro do Rio Grande do Sul reduz-se à invernada do Chimango. E a invernada é o Chimango. A tropa, o povo gaúcho.*(1995, p. 220)

Onde passa o Chimango o *gado vira carrapato... o campo, cheio de praga* (Verso 1191), *os açudes arrombados, as invernadas abertas, as varges desertas* (Verso 1195).

Os movimentos da tropa – o povo – pelos pampas, acompanham a evolução do Chimango:

A vida de um tal Antônio

Chimango – por sobrenome

Magro como lobisome

Mesquinho como o demônio (Versos 56-60)

A cronologia da estância é a cronologia do Chimango e, na *presilha desta história, ninguém dizer sabe ao certo, quando isto há de ter um fim.* (Verso 1267)

A crise do herói em *Antônio Chimango* é política, o tempo é limitado – o governo de Borges de Medeiros, centralizador, autoritário. Ao contrário, a descrita por Alcides Maya em *Ruínas Vivas* que evidenciava a crise econômica e moral de Miguelito.

Como se vê o **MONARCA** está em decadência, já não é mais o mesmo apresentado pelo narrador anônimo que indica ao leitor o Blau Nunes. Refletindo sobre essa temática de ascensão e queda do **HERÓI**, como podemos definir, hoje, a questão da identidade na literatura do Rio Grande do Sul? Discuta sobre tal questionamento no Fórum de Dúvidas.

UNIDADE 2 – O regional e o regionalismo

Nesta unidade o enfoque é a discussão entre o que consideramos regional na literatura produzida no Rio Grande do Sul. Além disso, os artigos que serão estudados contemplam uma discussão ampla que até os dias atuais rende muitas ideias: Afinal como definimos regional e regionalismo? Qual a importância das obras regionais para o contexto nacional e vice-versa?

2.1 O regional e o regionalismo

Panorama teórico:

Os temas regional e regionalismo são extremamente discutidos no cenário das letras. Inúmeras são as produções teóricas que trazem à tona tal temática. Nesse sentido, através do estudo de dois importantes críticos literários brasileiros, citamos duas proposições para discutirmos o assunto.

Lucia Miguel-Pereira afirma que a literatura regionalista evoluiu sempre que investiu em concepções mais universais do homem. Desse modo, para ela, a literatura regionalista cresceu quando abriu mão do localismo em busca do cosmopolitismo. Aí está a contradição. Infere-se que, para Miguel-Pereira, o regionalismo nunca foi a literatura que investiu na descrição e costumes de uma região, mas foi um nome que serviu para abrigar toda produção que não estava em sintonia com a da “civilização niveladora”, o Rio de Janeiro e, no limite, a Europa e os Estados Unidos.(ZILBERMAN, 1992)

Antonio Candido postula que na literatura brasileira, o regionalismo surgiu junto com a independência literária, pois foi o desejo de exprimir nosso nacionalismo que levou escritores e escritoras a descobrirem o Brasil que estava encoberto pelo domínio colonial. Na visão do crítico, o Romantismo brasileiro foi, sobretudo no início, mas até o fim, nacionalismo. E nacionalismo, segundo ele, significa escrever sobre coisas locais. Candido, no célebre texto “Literatura e cultura: de 1900 a 1945”, avança um pouco mais, até 1920, na sua visão da explicação do regional. O autor afirma que no período de 1880 a 1920 se produz um regionalismo pobre e romantizado, o qual ele descreve assim:

O regionalismo, [que] desde o início do nosso romance constituiu uma das principais vias de autodefinição da consciência local, com José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay, transforma-se agora no “conto sertanejo”, que alcança voga

surpreendente. Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Forneceu-lho o “conto sertanejo”, que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito idéias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético.

Propomos agora uma nova leitura - O regionalismo literário e a Província de São Pedro, escrito por Carlos Baungarten, Professor da FURG. O texto se encontra no link “Leitura complementar”. Após a leitura, responda aos questionamentos apresentados pelo próprio autor no final do texto e comente com seus colegas no fórum.

Ainda sobre REGIONALISMO:

O regionalismo atravessou décadas e regiões. Na esfera mundial, ele foi marcado por reflexos da crise de 1929, na Bolsa de Valores de Nova York, estopim de uma depressão econômica mundial; pela ascensão do nazismo e do fascismo, na Europa; e por conflitos como mobilizações operárias na França, a Guerra Civil Espanhola e a II Guerra Mundial. No Brasil, destacam-se a crise cafeeira, a Revolução de 30, a Intentona Comunista (1935) e o Estado Novo (1937-1945). Na literatura, a geração modernista já era vitoriosa em suas conquistas e exigia-se de artistas e intelectuais uma tomada de posição ideológica. Surgiram escritores engajados politicamente, como Jorge Amado.

Com o romance regionalista não é diferente. O regionalismo se manifesta em várias regiões do país. Obras consideradas ícones do gênero, como **O Quinze**, de Rachel de Queiroz, e **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos, trazem a denúncia das agruras da seca e da migração, dos problemas do trabalhador rural, da miséria e da ignorância. No Sul do Brasil, a ficção histórica e épica de Erico Veríssimo, em **O Tempo e o Vento**, apresenta o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, pela cidade e pelos poderosos.

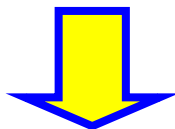
A seguir, leia o texto, **Visão Crítica do Regionalismo** escrito por Cyro Martins, e atente para a discussão em pauta.

FONTE: Cyro Martins. *Sem rumo*. Introdução. Porto Alegre, Movimento, 1997. 6ªed., p 14 e segs. (1a.ed.,1937). Ensaio originalmente publicado em 1944. Disponível em: http://www.celpcyro.org.br/v4/Estante_Autor/visaoCriticaRelionalismo.htm.

Síntese:

O GAÚCHO FICÇÃO E REALIDADE

- **A literatura do RS aborda, desde os primórdios, a figura típica do gaúcho – o peão – o campeador – o estancieiro**
- No princípio, até a Revolução Farroupilha, em 1835, peão e estancieiro convivem pacificamente
- Com o passar dos anos e com os embates sociais e políticos, os destinos se afastam em função do CERCAMENTO dos campos



SOCIEDADE ESTRUTURADA EM CLASSES

Simões Lopes Neto é um nome regionalista que surge, criando uma literatura de grande valor em um período de transição. Aborda temas e figuras típicas do RS. É idealizador do *tipo* e consolida a temática **REGIONAL** na ficção do Rio Grande do Sul

Alcides Maya inaugura na literatura gaúcha uma nova vertente, trabalhando com questões íntimas e sociais que abordam a divisão de classes hierarquizadas

A partir daí, o *tipo gaúcho* será um “marginal” (ser à margem) tanto no aspecto psicológico, quanto no social.



A ficção, de certa forma, acompanha a história, mas ficcionaliza os fatos!

Aborda problemas reais tais como a Guerra dos Farrapos a partir de uma perspectiva crítica e, logicamente, com fatos ficcionalizados acoplados à estrutura narrativa.

SIMÕES LOPES NETO: UMA VISÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO RIO GRANDE DO SUL

*Renata Faria Amaro da Silva

**Angela da Rocha Rolla

RESUMO

A literatura é um reflexo da cultura de uma sociedade? Este trabalho, realizado por solicitação da disciplina de Crítica Literária, pretende promover o reconhecimento da contribuição da literatura para perpetuidade dos valores histórico-sociais do Rio Grande do Sul. A escolha do tema surgiu devido à importância do resgate das nossas tradições, mostrando, assim, que a arte literária é mais que uma obra de ficção. Fundamentado em pesquisas bibliográficas, o estudo apresenta a relação da literatura com os aspectos culturais, o conceito de conto literário e a análise dos contos *Contrabandista* e *No Manantial*, da obra *Contos Gauchescos* de Simões Lopes Neto. Após a realização deste, tornou-se evidente a ligação da literatura com as demais áreas do conhecimento, como a História e a Sociologia.

Palavras-chave: Literatura Rio-Grandense; Aspecto histórico-social; Simões Lopes Neto e Contos Gauchescos.

INTRODUÇÃO

A análise realizada tem como objetivo desenvolver o reconhecimento da literatura como fonte de conhecimento cultural, salientando as características histórico-sociais existentes nos contos de Simões Lopes Neto _ escritor que se destacou na literatura rio-grandense.

* Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA.

** Professora da Disciplina de Crítica Literária e Orientadora deste trabalho - ULBRA. Guaíba.

Desde os primórdios as pessoas utilizam a escrita para documentar fatos, exprimir emoções, etc. Como ponto de partida o mundo real é a inspiração do escritor.

Imbert (1971), assim define o processo de criação do escritor:

Quando começa a escrever, toda a sua existência - o seu eu energeticamente comprometido com as coisas - lança o seu programa de expressão a partir das circunstâncias em que lhe cabe viver. Circunstâncias da sua época, do seu país, da sua língua, da sua sujeição social.

Logo, percebe-se que escrever é um ato social.

A literatura rio-grandense é muito rica por descrever com propriedade os traços de uma cultura tão singular. Inúmeros escritores dedicaram a sua arte à reprodução da "cor local" como Alcides Maya, Darcy Pereira Azambuja e Luis Araújo Filho, o precursor do movimento regionalista no Estado.

Através das narrativas - conto, lenda e causo - Simões Lopes Neto conquistou seu espaço na história da literatura do Rio Grande do Sul, lançando o apogeu da mitologia gaúcha. Inspirado no folclore, imprimiu a beleza poética da linguagem do cancionero popular e densidade humana aos tipos regionais. *Cancioneiro Guasca*, *Contos Gauchescos*, *Casos do Romualdo* são algumas de suas publicações .

1 LITERATURA: UMA IMAGEM CULTURAL

Para que se estabeleça uma relação entre a literatura e os aspectos culturais de uma região, é importante esclarecer o conceito de cultura citado por Ferreira (2002): "*Ato, efeito ou modo de cultivar; o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade.*"

A compreensão dos valores culturais de um povo envolve, além da observação dos costumes, a análise do seu processo histórico o qual relata a constante mutação do ser humano. Profissões, gostos, modas, diversões populares acompanham os episódios da época, assim como os temas - amor, crime, conformismo, influências do regime econômico, político, religioso - tratados na literatura. Desse modo, caracteriza-se a existência da história da literatura.

Imbert (1971), afirma:

O historiador vê a literatura a mover-se por gêneros ou por períodos ou por escolas ... Desliza da atividade do escritor para a atividade de uma época e assim infere, não no progresso de uma pessoa ..., mas de um abstrato progresso humano.

Como na história, também na sociologia há uma sociologia da literatura. Embora interajam no mesmo espaço, são diferentes. Na sociologia, a literatura diz respeito à interação entre os indivíduos que intervêm na vida literária (lugar que a literatura ocupa numa sociedade, seu consumo, a organização da vida literária, as influências da realidade na literatura e a repercussão dos acontecimentos na criação dos escritores).

Examinando o uso que essas especialidades fazem da literatura, nota-se a falta de preocupação com valor estético da obra literária. Por conseguinte, deve-se considerá-las secundárias sob o ponto de vista o qual se propõe o presente trabalho - um estudo crítico.

Criticar supõe o desejo de julgar uma realidade qualquer. Implica compreender, examinar, escolher, tomar posição frente às coisas e enunciar um juízo, no qual se afirma ou se nega alguma coisa em relação a um objeto. Na literatura, restringe-se a uma compreensão sistemática de tudo que faz parte do processo da expressão escrita.

A crítica de uma obra literária está ligada direta ou indiretamente a todas as áreas do conhecimento.

A análise, que será apresentada posteriormente, enfatiza a beleza estética dos contos de Simões Lopes Neto através da forma como lida com a linguagem e expressa os hábitos em acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul.

2 CONTO LITERÁRIO

O conto tem origem desconhecida, entretanto existem algumas hipóteses. Do Oriente da Pérsia e da Arábia, são oriundos os contos que até hoje correspondem aos melhores que foram criados, como *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, etc.

No século XIX, o conto atinge seu período de glória, chegando aos tempos atuais como forma literária.

Segundo Massaud (1987), o conto caracteriza-se pela sua objetividade, apresentando as unidades de ação, lugar e tempo. A unidade de ação condiciona as demais e um único espaço pode servir de cenário para o conflito. Os acontecimentos desenvolvem-se em curto lapso de tempo, pois o presente é o que importa.

São poucas as personagens que aparecem no conto, devido às condições das unidades anteriormente mencionadas.

A linguagem também deve ser objetiva e utilizar metáforas de fácil entendimento do leitor. Na linguagem, o diálogo é o mais importante porque os conflitos, os dramas aparecem através da fala. Somente por meio do diálogo haverá discórdia ou mal-entendido e, assim, o conflito.

Nessa forma, de acordo com Massaud (1987), encontram-se vários tipos: contos de ação (narrativas para divertir o leitor); conto de personagem (o narrador centraliza sua atenção no exame da personagem); conto de cenário ou atmosfera (menos freqüente que os outros); e conto de idéia (visão filosófica do escritor sobre a humanidade e o mundo). Também aparecem os contos maravilhosos que são constituídos de fadas, bruxas, príncipes - os preferidos do público infantil.

3 ANÁLISE DOS CONTOS DE SIMÕES LOPES NETO SOBRE A ÓTICA HISTÓRICO-SOCIAL

Do extremo sul do Estado, surge um grande nome da literatura: João Simões Lopes Neto.

Natural de Pelotas, filho de uma família abastada e tradicional, dedicada à pecuária e à industrialização de charque, passou parte da vida na campanha e, depois de adulto, com a tentativa de corresponder às expectativas dos familiares, colecionou fracassos após fracassos na área profissional. Desacreditado por seus conterrâneos, faleceu aos 51 anos de idade, em 1916, tendo trabalhado até então, como redator de um jornal e morado de favor na casa de uma cunhada.

Bernardi (1997), relata que no final do século XIX e início do século XX, manifestaram-se os primeiros regionalistas no Rio Grande do Sul, remontando a época da Revolução Farroupilha e da edição dos primeiros jornais. Exploravam nossas origens, os costumes regionais, os problemas sócio-econômicos. A linguagem também tornou-se um

diferencial, pois sofreu influência do espanhol, em razão da proximidade geográfica com os castelhanos. A Luis Araújo Filho, pioneiro do Regionalismo, sucedeu Simões Lopes Neto, compilando os chamados romanceiros populares e escrevendo a tradição oral composta de lendas, fatos históricos e os "causos" de galpão. Graças a ele, preservaram-se até hoje muitas lendas, como *Negrinho do Pastoreio* - a primeira publicação do escritor.

Contos Gauchescos foi editado pela primeira vez em 1912. As histórias são narradas por Blau Nunes, personagem a qual o escritor reflete a própria condição de vida - nem herói, nem bandido, apenas um simples gaúcho.

Zilberman (1992), diz que:

Simões Lopes Neto, com os *Contos Gauchescos*, retoma os elementos do Regionalismo e transforma-os num instrumento de reflexão sobre a realidade gaúcha. Sua nostalgia converte o passado num mito, porque perfeito, unitário e globalizante: mas sua consciência do presente dimensiona sua crítica e faz com que percorra o caminho inverso, dessacralizando o mito instituído e alertando a respeito do tipo de dominação exercida em sua época.

O conto *No Manantial* trata da história de Maria Altina, moça faceira prestes a casar, que é assediada por Chicão, vizinho da fazenda de Mariano, seu pai. Na véspera do casamento, ele entra na casa, mata a avó da moça e tenta estuprá-la. A moça, ao tentar fugir, acaba desaparecendo no manantial, destino também do criminoso e do pai, que afundara em busca da filha. No local brotara uma roseira originária da única lembrança que ficou - a rosa que estava presa ao cabelo de Maria Altina.

Por trás do acontecimento, Simões Lopes Neto mostra os valores sociais do Rio Grande do Sul que acompanham uma trajetória de escravidão, a existência das Missões Jesuíticas, a força política centralizada nas altas patentes militares. O espaço geográfico contribui para a estrutura social. A campanha é o contexto da sociedade gaúcha, cuja formação é composta de proprietários de terras (fazendeiros), trabalhadores brancos, assalariados e livres (peões), e escravos negros - ambos encarregados das lides do campo. A coragem, a disponibilidade para a luta, o desejo de liberdade, defesa da honra pessoal e do seu território são os motivos de uma realidade marcada pela violência e opressão. A mulher é figura secundária no pampa. Desde a infância, assume sua missão de servir o marido e cuidar da casa, enquanto o homem preocupa-se com o sustento. Os animais compõem o ambiente social, tanto na atividade econômica (criação de gado), quanto na forma de locomoção (o cavalo é considerado um companheiro). Na atmosfera do conto, percebe-se também a religiosidade no relato da participação da família na reza terço e da comemoração do batizado; a crença em superstições, caracterizada no barulho dos animais

e na aparição da borboleta preta momentos antes da tragédia e a preservação das histórias populares contadas por gerações, simbolizada no fato em si. Para que fossem possíveis tais percepções, a obra contou com uma linguagem especial a qual demonstra o rico vocabulário dialetal da região em uma época antiga, pois muitas das expressões deixaram de ser comuns, como *manancial*, *orelhana*, *timãozinho*, ou mudaram a pronúncia. como *vancê* (você) e *mui* (muito).

Em *Contrabandista*, Blau Nunes testemunha o triste fim do velho Jango Jorge que, na véspera do casamento da filha, vai buscar em contrabando o vestido de noiva. Ao ser descoberto, é morto a balas pela guarda por tentar recuperar o vestido. Os amigos levam o corpo para a estância, que por ocasião estava repleta de convidados, transformando a alegria da festa em tristeza de velório.

Este conto transporta o leitor ao período dos conflitos armados, a luta pela posse de terras - as sesmarias -, o monopólio dos produtos e o alto valor dos impostos por parte da monarquia, provocando o contrabando entre gaúchos e espanhóis. Após a guerra do Paraguai, o contrabando no Estado aumenta devido à valorização da moeda brasileira e o fraco controle das fronteiras. A personagem Jango Jorge representa o grupo dos contrabandistas: caracterizado assim por Dreys (1990): “homens corajosos que desconhecem os limites da lei, mas, fora de sua profissão, são sociáveis, obsequiosos e inofensivos.” Eram de uma população branca, viviam em tribo mista, não pertencendo politicamente nem aos portugueses, nem aos espanhóis, nem aos indígenas. Como os gaúchos, tinham princípios morais que não deixavam ofender as pessoas e os bens de quem tinham apreço. Tal ofício foi esmorecendo com o passar dos anos. No espaço, repete-se a valorização do campo. A importância do matrimônio na vida da mulher, associada à expectativa da noiva e aos grandes preparativos para a festa - os quais incluíam matança de animais, dança ao som de acordeonas e violas, rodada de chimarrão e licores de butiá - são os traços dados pelo escritor para enfatizar os costumes da época. Outras citações reconstroem a história rio-grandense, como a ausência da luz elétrica e a denominação "vila de Porto Alegre" dada à atual capital do Estado. Quanto à linguagem, possui as mesmas distinções do anterior, porém há um toque diferencial que enriquece a trama, reforçando o elo da ficção com o momento histórico: o uso do espanhol _ "*le echaba cuentas de gran capitán ...*", significando em português, "lançava-lhe conta de um grande capitão."

Por fim, pode-se concluir que através dos contos analisados e dos demais que constituem a obra, Simões Lopes Neto exaltou a cultura e literatura dos gaúchos.

CONCLUSÃO

Ao finalizar este trabalho, percebe-se a importância da leitura. Ler não é apenas decodificar palavras, implica interpretação do contexto da obra para que realmente haja um envolvimento entre texto e leitor.

A literatura brasileira é bem vasta e bela, devido à mistura cultural representada pelos escritores de norte a sul do país.

Os movimentos que por aqui passaram contribuíram muito com a literatura contemporânea, pois as experiências vividas são os fundamentos para a construção do futuro. Não obstante, as obras que retratam a história da literatura, de um modo geral, são pouco valorizadas, principalmente quando se propõe leitura nas escolas.

Contemplar as origens não é somente papel dos historiadores, mas de todas as pessoas que se orgulham de suas tradições. Essa também é a função da literatura, perpetuar a história, reproduzindo a realidade em forma de ficção.

Simões Lopes Neto cumpriu o seu papel, divulgando a nossa cultura e contribuindo para o enriquecimento da literatura rio-grandense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MASSAUD, Moisés. **A criação literária**. São Paulo: Cultrise, 1987.
- IMBERT, Enrique Anderson. **Métodos de crítica literária**. Trad. De Eugênia Maria Madeira de Aguiar e Silva Coimbra: Almedina, 1971.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- BERNARDI, Francisco. **As bases da literatura rio-grandense**. Porto Alegre: AGE, 1997.
- DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de S. Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.
- LOPES NETO, João Simões, **Contos gauchescos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da Língua Portuguesa**/ Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Olá, pessoal,

A atividade 3 pede, em seu enunciado, duas tarefas: a de resgatar conceitos-chave para a disciplina, como o são *Regionalismo* e *Literatura regionalista*, bem como a de elaborar uma reflexão sobre como a literatura regional estaria se relacionando com tendências literárias nacionais. Se não foi especificada a época à que alude tal relação, é porque ela diz respeito a um aspecto geral que marca a literatura regionalista desde sua origem.

Começemos pelos dois conceitos, bem claros para a maioria de vocês. Os que os confundiram é porque tomaram o Regionalismo como uma expressão tão somente literária. É o contrário: a *Literatura regionalista* é uma parte do *Regionalismo*.

Este é compreendido como um conjunto amplo de aspectos linguísticos e culturais, marcados, obviamente, pela ideologia que os perpassa. Quando Cyro Martins diz que “o Regionalismo traduz sobretudo uma atitude sentimental”, implica a compreensão de que o Regionalismo se trata de um modo não só de os sujeitos serem (o seu comportamento, o seu léxico, a sua vestimenta, os seus costumes), mas também do modo de falarem sobre si (como os sujeitos se autodenominam, autointitulam-se, criam narrativas cotidianas de suas próprias experiências, constroem a sua identidade por meio de narrativas individuais e coletivas), cantarem sobre si, escrevem sobre si, etc. Portanto, o Regionalismo é uma forma própria de um povo, através de uma linguagem própria, expressar a sua concepção própria do universo regional que o cerca. Logo, o Regionalismo inclui todas as manifestações culturais.

Já a Literatura regionalista é um segmento do Regionalismo. Uma literatura regional se ocupa do Regionalismo, isto é, não só da forma de os sujeitos “serem”, mas do modo como ideologicamente reconstróem a sua própria história e criam a sua identidade. Por isso, o objeto da Literatura regionalista são menos os eventos registrados na história oficial que o uso que o povo gaúcho (em se tratando de regionalismo sul-rio-grandense) fez deles, que se traduz em qualquer manifestação de linguagem, seja ela artística ou não, bem como na gestualidade e nos comportamentos sociais, dentre outros.

Quer dizer, os fatos históricos que marcaram uma batalha lendária reconstruída na literatura não são importantes para esta simplesmente porque tais eventos tenham sido fatos históricos importantes. Estes só importam à literatura na medida em que mobilizaram o imaginário gaúcho, redimensionaram a sua forma de falar de si e dos outros, tornaram-se parte de um modo particular (e regional) de entender as coisas, construíram, a

partir disso, uma sensibilidade outra. A literatura regionalista é, assim, a REPRESENTAÇÃO, desse traço regional.

No que diz respeito à segunda parte da tarefa, não houve cobrança em termos de nota, uma vez que, por um lado, o próprio conteúdo não dava conta de lhes dar respaldo à reflexão, por outro, eu não consegui acompanhá-los no fórum, lugar onde buscaríamos, juntos, preencher esta lacuna.

Começemos com a formulação, bastante pertinente, de um dos colegas:

para Antônio Cândido, a tendência literária nacional surgiu com o objetivo de expressar o nacionalismo brasileiro, sendo que “desde o início do nosso romance constituiu uma das principais vias de autodefinição da consciência local”, pois a partir do romantismo brasileiro os autores começam a pensar em um tipo de literatura que corresponderia ao nosso modo brasileiro “original”, de ser, agir, pensar, imaginar. E como o Brasil é composto por várias regiões, elas teriam suas características próprias, para compor o todo, da literatura nacional, sendo que, a literatura regional responde a um sentimento que é nacional, não sendo um evento isolado, tendo como perspectiva a integração do Rio Grande do Sul ao restante do país.

Além do mais, a tendência nacional, desde o Romantismo, era a construção de uma manifestação com características próprias, buscando uma literatura que “representasse o Brasil”, e o RS não ficou de fora, pois as produções dos escritores sulinos integraram este total, retratando aspectos locais, e representando a figura do gaúcho nas diferentes produções literárias, como cita Cyro Martins: “o nosso regionalismo nutriu-se da legenda campeira, decantando a trajetória histórica e os costumes gaúchos, celebrado como monarca das coxilhas, visto como figura de exceção”.

Desde as suas origens, no Romantismo, o Regionalismo literário (ou literatura regionalista) esteve ligado às tendências literárias nacionais. Temos de nos lembrar que, antes da simples apresentação de TEMAS, a literatura é uma CONVENÇÃO FORMAL. Os escritores sul-rio-grandenses não originam suas produções do nada. É necessário aquilo que o teórico do romance, Georg Lukács, chama de dados sócio-histórico-filosóficos: um conjunto de aspectos que, em um determinado momento, permite que uma obra funcione como tal para determinados escritores e leitores, que irão se traduzir em convenções literárias, que farão sentido, naquele momento, para tais sujeitos.

Assim, segundo o consagrado teórico e historiador da “formação da literatura brasileira”, Antonio Candido, cuja extensa obra possui este título, é

no Romantismo que começa a se delinear no Brasil, um sistema literário, quando houve condições de se produzir e de se ler, no Brasil, obras escritas por brasileiros para brasileiros. É aí que muitos escritores buscam o desprendimento¹ de convenções europeias, e começam a pensar uma literatura que desse um “rosto” para o Brasil, com as particularidades regionais que o compõem. Assim surgiram obras como *O sertanejo*, *O gaúcho*, *O guarani*, de José de Alencar, e as obras de Apolinário Porto Alegre, cuja caracterização do gaúcho é muito similar à do outro escritor. Neste caso, tanto o escritor gaúcho quanto o cearense estão participando de um projeto comum: o de criar as faces do Brasil (através de suas regiões, é óbvio). Ambos constroem uma versão romântica do gaúcho, mas não porque “fogem da realidade” como muitos de vocês cobram, mas porque esta era a convenção literária do momento literário vivido no Brasil: construir sujeitos idealizados (característica tipicamente romântica) e melhores (característica tipicamente épica, de sujeitos que servem de modelos de uma comunidade).

O Realismo só surge depois, quando, acompanhando a tendência nacional, o Romantismo torna-se convenção obsoleta, e a bola da vez é construir uma história cujos aspectos pareçam ter sido tirados do mundo real. Daí o nome próprio, completo e comum das personagens, o tempo marcadamente cronológico, o espaço geográfico, coincidindo com nomes reais, a imitação da nossa memória autobiográfica, etc. As narrativas neste caso, parecem mais reais, porque é justamente este o seu intento: enganar-nos de que a história contada é *realmente* possível no mundo concreto.

Agora, como acontece também em outros períodos literários, há um descompasso temporal no que se refere ao Realismo e ao Modernismo, como muitos de vocês apontaram. No entanto, este descompasso é próprio da dinâmica mesma da literatura, pois, deixando de lado a didática que nos obriga a separar os períodos literários de forma estanque, estes podem se iniciar antes em alguns lugares, estenderem-se, mesmo quando outro período já tenha atingido o seu apogeu, coexistirem, interpenetrarem-se. Por isso é que, nas regiões em que o Regionalismo já estava cumprindo o seu papel (e produzindo, no momento, obras realistas), o Realismo seguiu seu rumo, mas não por muito tempo até ser transpassado por inovações formais do Modernismo (o fluxo de consciência em algumas obras pretensamente realistas é o exemplo disso).

Aliás, os modernistas (cariocas, predominantemente) levaram a cabo o projeto literário que os regionalistas começaram: a de criar uma literatura própria do Brasil. Isso está declarado no manifesto antropofágico, da semana

¹ Desprendimento este que não se efetiva totalmente, uma vez que algumas convenções típicas do Romantismo marcam tanto a literatura nacional quanto a europeia. O que se modifica, no regionalismo romântico e, depois, realista é basicamente o tema.

de 22. A revolução formal, a declaração de guerra contra o passado é a expressão radical disso.

Vejam que, neste caso, a própria literatura modernista se liga àquele sentimento comum que deu origem ao Regionalismo. Isso não significa, é claro, que o Modernismo seja um regionalismo. Depois desse movimento, o Regionalismo começa a perder certa força de produção, mas não por certa “conspiração” modernista, como alguns de vocês sugeriram, mas por aspectos históricos que estariam exigindo outro tipo de representação sensível, sobretudo com os adventos das tecnologias da informação.

Isso se torna mais evidente sobretudo depois da segunda metade do século XX. O regionalismo começa a perder a cor local, pelo mesmo motivo por que se iniciou: por uma necessidade que parte de uma tendência mais ampla. Com os adventos da “sociedade da comunicação generalizada”², que muitos, hoje, vem chamando de “pós-moderna”, os traços regionais podem vir a interessar menos que a intervenção dessa “sociedade da comunicação generalizada” na constituição dos sujeitos contemporâneos. É o que dá luz a obras de tantos escritores brasileiros contemporâneos, inclusive gaúchos, tais como Márcio Souza, Sérgio Sant’Anna, Rubem Fonseca, Raduan Nassar, Dalton Trevisan, Tabajara Ruas, Caio Fernando Abreu (estes dois últimos, gaúchos).

Caio Fernando Abreu, por exemplo, nada tem da representação daquele sujeito gaúcho que tratamos nas semanas anteriores. Tabajara Ruas, por outro lado, ainda recria este gaúcho, mas acompanhando a tendência nacional e “universal”, isto é, a de representar as contradições do mundo contemporâneo que constroem um sujeito cuja identidade é difícil de ser apreendida, já que ele se encontra fragmentado pelos diferentes lugares de enunciação em que se encontra.

Em qualquer caso, em qualquer período literário, o Regionalismo não é um evento isolado. Trata-se de uma produção literária que, apesar dos estilos individuais de cada escritor, para fazer sentido a um conjunto de leitores, tem de se reportar às convenções de escrita de cada época, que convencem o leitor de que aquilo que está escrito é, naquele momento, o mais próximo da realidade conhecida. Assim se formam o regionalismo romântico, o regionalismo realista, e até os regionalismos com tendências modernas e, quem sabe, pós-modernas.

² Gianni Vattimo.

Por: Carla Zanatta Scapini

2.2 Romance e crítica social

Ao examinarmos a história da literatura do Sul, percebemos uma intensa preocupação com a ficção regionalista, conforme já abordamos na unidade anterior. No entanto, em decorrência das profundas modificações que afetam o Brasil na década de 1930, tais como o crescimento da produção industrial, o fortalecimento das classes urbanas, burguesia e operariado, a literatura que surge neste período acompanha o processo de mudança e passa a focalizar **questões de ordem social**. Há, segundo Zilberman (1992), um conjunto de escritores importantes na prosa do RS, como por exemplo: Erico Veríssimo; Dyonélio Machado e Reynaldo Moura, cujas obras apresentam, neste período, a perspectiva do homem e de seu lugar na sociedade.

Vale lembrar que, além da crítica social, outras temáticas emergem neste mesmo período, as quais não se desprendem do enfoque social e, de certa forma, recuperam **a história, a política e a colonização**. A esse respeito, importa citar nomes como: Josué Guimarães, Charles Kiefer, Luis Antonio de Assis Brasil, Moacyr Scliar, Cyro Martins, entre outros.

Outras vertentes são importantes e situam-se na mesma linha temporal, a partir dos anos 30. O intimismo, “introduzido no Rio Grande do Sul por Reynaldo Moura, com a obra *A ronda dos anjos sensuais*, de 1935, explora a técnica ao máximo”(ZILBERMAN, 1992, p.138). Dyonélio Machado, Tania Failace e Caio Fernando Abreu são outros nomes cuja obra aponta para questões relacionadas ao intimismo. Luiz Antonio de Assis Brasil, com a obra *As virtudes da casa*, traz ao leitor um conflito em torno das consequências das ações dos personagens centradas nas contradições emocionais do ser humano.

Antes dos anos 70, segundo Zilberman (1992) existiam poucas escritoras no Rio Grande do Sul, embora o século XIX tenha sido pródigo em poetisas¹. Lya Luft é outro nome singular para as letras do Rio Grande do Sul. Seu nome é sempre lembrado pelas características ligadas ao intimismo e à mulher.

- Ao pensarmos a literatura produzida no RS durante o século XX, mais precisamente nos últimos anos, é possível classificar, no que diz

¹Na unidade 3 serão trabalhados textos das poetisas do século XIX, além de alguns de Lila Ripoll.

respeito especificamente ao romance e à novela, quatro vertentes básicas, levando-se em consideração a temática predominante:

- **ROMANCE DA TERRA:** trata do passado histórico da população rio-grandense, desde o início da colonização, na primeira metade do século XVIII, seguindo a linha do romance de Erico Veríssimo ou mesmo o conto de Simões Lopes Neto. Esta vertente focaliza o gaúcho épico, a visão do estancieiro, por vezes tirano e cruel, controlador do poder político. Seguem esta linha: Luiz Antonio de Assis Brasil (no início de sua vida como escritor, com **A prole do corvo**) e Josué Guimarães
- **ROMANCE DE IMIGRAÇÃO:** nessa linha, todos os povos que formaram a base da população do Estado são representados. O português é tema da obra de Assis Brasil; o italiano é assunto para José Clemente Pozenato; o alemão é abordado por Josué Guimarães, Valesca de Assis e Assis Brasil.
- **ROMANCE SOCIAL:** os temas sociais entram em voga com a NOVA REPÚBLICA. A mudança de regime político, no aspecto econômico e social, fracassou. Nos últimos anos, a população brasileira viu seu poder aquisitivo diminuir gradativamente. A problemática social é muito bem trabalhada por Charles Kiefer, José Clemente Pozenato, Tabajara Ruas, **Netto Perde Sua Alma** (1995), por exemplo, é uma mistura de romance histórico e social, o protagonista General Antônio Netto é inconformado com o seu destino e o de seus lanceiros negros, exterminados pelos imperiais.
- **ROMANCE INTIMISTA:** a última vertente deixa de lado os dramas coletivos, políticos e econômicos e explora os dramas pessoais e íntimos do ser humano. Lya Luft e Caio Fernando Abreu são mestres nessa temática. Outros autores, como Luiz Antonio de Assis Brasil e Sérgio Caparelli, também exploram essa temática, aliando-a a outras.

Além da classificação apresentada, é importante citar alguns nomes do cenário contemporâneo:

Para apresentarmos tais temáticas, escolhemos um texto que faz uma análise de uma obra muito conhecida no Rio Grande do Sul, tendo em vista a adaptação para a televisão, através da minissérie homônima.

A CASA DAS SETE MULHERES: RELAÇÕES ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA

Andréa Ad Reginatto

O romance *A casa das sete mulheres*, de Letícia Wierzchowski, apresenta como pano de fundo elementos marcantes da história do Rio Grande do Sul, dentre os quais um merece destaque especial: a Revolução Farroupilha. A narrativa em questão trabalha com um universo que permite realizar a análise de dados históricos, a partir dos fatos que o narrador, aos poucos, vai delimitando para ilustrar o espaço onde se desenrolam os acontecimentos. Nesse sentido, a história ficcional é contada por uma voz que parece ser feminina, o que justifica, numa primeira abordagem, o título do texto. Na verdade, várias são as vozes que aparecem na estrutura narrativa, mas a de Manuela, autora dos diários é a que se sobressai. As relações entre ficção e história não são novas na crítica e na teoria literária, entretanto, a obra *A casa das sete mulheres* é uma inovação, pois as personagens, em grande parte femininas, retratam uma perspectiva diferente das até então abordadas na ficção do Rio Grande do Sul. Falar em Revolução Farroupilha é (era) sinônimo de trazer à tona personagens masculinos e, acima de tudo, heróicos. É assim que a narrativa revela o mundo particular de sete mulheres, esposa, irmãs e sobrinhas de Bento Gonçalves da Silva, um ícone da história gaúcha, que são confinadas em uma casa, durante os dez anos de Revolução.

A Revolução Farroupilha ou, como é mais conhecida, a Guerra dos Farrapos, eclodiu no dia 19/09/1835 no Continente de São Pedro do Rio Grande – a mais longa guerra civil que já se teve notícia. Os latifundiários sul-rio-grandenses exigiam a deposição imediata do presidente da Província, Fernandes Braga, e uma nova política para o charque nacional, que vinha sendo taxado pelo governo, ao mesmo tempo em que era reduzida a tarifa de importação do produto. O exército, chefiado por Bento Gonçalves da Silva, num movimento arrojado conseguiu expulsar as tropas legalistas e entrar em Porto Alegre no dia 21 de setembro. Foi o estopim para a longa Guerra, a essas alturas já sem volta. Porém, antes de entrar no mais acirrado combate da história gaúcha, o comandante Bento Gonçalves colocou a salvo sete parentas e as crianças (inclusive seus filhos) numa casa de Estância. Todos esses fatos

são reais e, foi a partir deles que surgiu a trama desenvolvida em **A casa das sete mulheres**, de Leticia Wierzchowski.

É nessa casa que, durante os dez anos seguidos da Revolução, enquanto a luta armada e as batalhas ocorriam e se alargavam por todo o território da Província, que as mulheres, principalmente elas, e suas crianças, se enclausuravam no espaço de uma pretensa segurança, convivendo com suas angústias, geradas por uma imensa espera:

Os dias que se seguiam à notícia da guerra foram repletos de boatos e angústias. Andávamos todas sobressaltadas, olhando o horizonte como se dele viessem socorros para nossos medos. Mas nada vinha, a não ser as chuvas que traziam os finais do verão, e um silêncio que pesava nossas noites, e que D. Ana se esforçava para quebrar, tocando piano por muitas horas. (p. 90)

A casa das sete mulheres é uma narrativa que, de certa forma, retrata a solidão, marcada pelo medo, pela espera e pela expectativa. A impotência e a falta de notícias transformavam os dias das sete mulheres que viviam na Estância da Barra, às margens do Rio Camaquã, tornando-os mais longos. Narrado em terceira pessoa, mas intercalado com a voz dos personagens e, pelo Diário (Cadernos) de Manuela (sobrinha de Bento Gonçalves), o romance coloca ao leitor uma inversão nunca antes vista na literatura que aborda a questão da Guerra dos Farrapos, talvez aí resida o grande diferencial dessa narrativa. O que importa, na verdade, não é a Guerra em si, mas sim os danos e as repercussões na vida daquelas que só restava esperar. Isso é possível de observar na passagem:

Sim, sempre os homens se vão, para as suas guerras, para as suas lides, para conquistar novas terras, para abrir os túmulos e enterrar os mortos. As mulheres é que ficam, é que aguardam... Nove meses, uma vida inteira. Arrastando os dias feito móveis velhos, as mulheres aguardam... Como um muro, é assim que a mulher do pampa espera pelo seu homem. Que nenhuma tempestade o derrube, que nenhum vento a vergue, o seu homem haverá de necessitar de uma sombra quando voltar para casa, se voltar para casa... (WIERZCHOWSKI, 2002, p. 72)

Se for analisado o panorama descrito na obra, é possível observar que ela contempla de forma verossímil o pensamento e a ideologia de um período histórico, compreendido entre 1835-1845, marcado por lutas armadas entre imperiais e revolucionários, com o intuito de instaurar a República rio-

grandense. Em particular, a narrativa revela o mundo interior de sete mulheres onde a tristeza, as paradoxalmente a força se fazem presentes. Através da vida dessas mulheres, que transcorria paralelamente aos acontecimentos da Revolução, tem-se na construção narrativa dois núcleos bem distintos: um representado pelos homens, que estão no combate, que lutam com todas as suas forças e muitas vezes perdem, em nome de uma causa, segundo eles, justa: a vida; outro representado pelas mulheres, que cada uma a sua maneira também lutam e sobrevivem a ausência de seus homens, pais ou esposos e, também à falta de notícias. As perdas, resultantes das mortes ocorridas no processo da revolução são cada vez mais constantes e isso, de certa forma contribui para que as mulheres, gradativamente, assumam um papel determinante na narrativa.

Nunca mais vi em seus olhos a mesma alegria de antes, assim como nunca mais vi meu pai, desde a tarde de 18 de setembro de 1835, quando nos despedimos dele na varanda de nossa casa aqui em Pelotas. (p. 184)

Enquanto Bento Gonçalves dirige seu exército e, a certa altura da narrativa, é preso e quase sucumbindo à derrota, sua mulher, na Estância da Barra envelhecia dia após dia, consumida em desespero. As outras mulheres, em especial as sobrinhas, as que foram para a Estância da Barra ainda crianças, ou meninas-moças, também tem seus destinos trágicos: uma delas engravidou de um vaqueano e outra enlouqueceu. As outras mulheres, as irmãs do general tentavam sustentar a moral da família, ao mesmo tempo em que os homens morriam um após o outro. A passagem que revela a morte de um dos homens, o pai de Manuela, ilustra a abordagem:

Foi um adeus sem velório, sem enterro, sem nada, apenas aquela notícia sem contornos, aquela vaziez que preenchia certos momentos, quando pensávamos nele e nos dávamos conta de que seus pés não mais pisavam este chão, e de que seus olhos, que sempre tinham amado as cores do pampa, agora deviam vislumbrar paisagens de uma outra vida. (p. 184)

Como se vê, a estrutura da narrativa contempla dos mundos diferentes; o mundo masculino e o mundo feminino. Ambos representam um período da história do Rio Grande do Sul em que as pessoas desempenham cada uma um papel delimitado pela sociedade. Às mulheres, nesse período, cabia esperar;

aos homens era dada a incumbência de ir à luta, de vencer, e até mesmo de morrer por uma causa.

A solidão sufoca, a solidão enlouquece. As mulheres adoecem de solidão. As mulheres rezam, esperam. Para contar a história, a autora transpõe todas as fronteiras. Assim, história e ficção; realidade e fantasia; o natural e o sobrenatural se interpenetram no cotidiano das sete mulheres, cada dia mais violento, sufocante e imutável. O leitor de ***A casa das sete mulheres*** sai desta experiência transfigurado, segundo Tabajara Ruas, tocado pela dor e pela verdade que gemem nas páginas, e pela sutil beleza que a cada momento desconcerta, pois segundo o próprio romance: “A guerra nunca deixa as pessoas como as encontrou...” (p. 185)

UNIDADE 3 - Estudo de textos literários: verso e prosa

Esta unidade tem caráter eminentemente prático, uma vez que chegou o momento de fomentarmos as discussões a partir da teoria trabalhada, aplicando-a aos textos de ficção. Desse modo, o primeiro momento, apresenta um modelo de análise, a partir de um artigo acadêmico, o qual servirá de roteiro, exemplo para as análises que vocês irão realizar, tanto em verso como em prosa. Para tanto, escolhemos para a tarefa 5 e para tarefa 6, dois textos que servirão de eixo norteador para as análises que irão desenvolver.

3.1 Estudo de textos literários – narrativos

Esta unidade está organizada para que você, a partir dos conhecimentos adquiridos durante o curso, nas disciplinas de literatura de modo geral, possa escolher um texto em prosa para análise, do livro *Contos Gauchescos*, de *Simões Lopes Neto*.

Selecione um dos contos desta obra, buscando analisar qual a imagem construída do gaúcho e do homem do pampa; quais os artifícios utilizados para nos fazer crer que o mundo narrado é possível (artifícios da verossimilhança) e se há uma dimensão universal do protagonista, para além da regional.

Sua análise deve observar os seguintes itens:

Roteiro de leitura

NÍVEL DA HISTÓRIA

1. Assunto
2. Tema
3. Personagens – caracterização, particularidades, protagonista(s), secundária(s)
4. Tempo – cronológico e/ou psicológico
5. Espaço – físico e social

NÍVEL DO DISCURSO

1. Foco narrativo – caracterização do narrador
2. Tipo de discurso predominante
3. Análise do narrador com relação:
 - à história
 - às personagens
4. Relação do discurso e da história com a ideologia
5. Tempo e espaço do discurso, da produção e da recepção
6. Linguagem e literariedade

CONCLUSÃO GERAL

A partir da análise, elaborar uma síntese, ressaltando os aspectos mais importantes para se chegar a uma interpretação consistente do mesmo.

3.2 Estudo de textos literários – poemas

Esta unidade está organizada para que você, a partir dos conhecimentos adquiridos durante o curso, nas disciplinas de literatura de modo geral, possa **escolher uma obra em verso para análise**.

Roteiro de leitura **Roteiro do trabalho (desenvolvimento):**

I. Estudo comparativo das escolas literárias a que pertencem os poemas a serem estudados, enfocando a origem e as principais características de cada uma.

Nesse item, deve-se fazer uma comparação entre as semelhanças e as diferenças entre as escolas estudadas.

II. Biografia de cada um dos autores dos poemas. A biografia deve conter os principais fatos da vida de cada autor, sua importância para a literatura sulina e escola literária a que pertence e as principais características de sua obra.

III. Cópia do primeiro poema e análise do mesmo.

IV. Cópia do segundo poema e análise do mesmo.

V. Cópia do terceiro poema e análise do mesmo.

VI. Estudo comparativo entre os três poemas. Este estudo deverá ser feito a partir da análise anterior de cada um e deverá focar as semelhanças e as diferenças entre os textos, de acordo com a teoria estudada na disciplina e em outros semestres.

OBSERVAÇÃO:

A análise dos poemas deve ser feita considerando-se os seguintes pontos:

a. **Temática:** é o que está sendo tratado no poema. A temática deverá ser a análise completa do conteúdo dos versos e estrofes que compõem o texto.

b. **Identificação das características da escola a que pertence o poema,** explicando-as dentro do contexto.

Indicação de Leitura

- Apolinário Porto Alegre
- Lilá Ripol
- Felipe D'Oliveira;
- Mario Quintana;
- Armindo Trevisan;
- Augusto Meyer;
- Lya Luft;
- Fabrício Carpinejar;
- Luis de Miranda;

TAREFA 6 Construa uma análise de três poemas, seguindo o roteiro disponível no conteúdo da semana. Tome como exemplo o artigo que está disponível em: http://www.ufsm.br/lec/01_02/AndreaL.htm